

## Elogio ao amor

Editora Martins Fontes – Selo Martins, 2013

*Autores: Alain Badiou e Nicolas Truong*

*Resenhado por: Alexandre da Costa Pantoja<sup>1</sup>*

O livro *Elogio ao Amor* foi produzido a partir de um diálogo público sobre o amor entre o filósofo Alain Badiou e o jornalista e escritor Nicolas Truong, sendo o primeiro o entrevistado e o segundo o provocador, dentro da série “Théâtre des Idées” [Teatro das Ideias], organizada junto ao Festival de Avignon (que promove apresentações de teatro contemporâneo), na França. “*Uma mistura de teatro, multidão, amor e filosofia...*”, segundo Badiou.

No primeiro capítulo – *O amor ameaçado*, Badiou parte de um anúncio de um site de relacionamento, o qual promete um amor com seguro total: “*Tenha amor sem ter o acaso*”, esse era um dos slogans do site. Diante disso, o autor faz uma análise das ameaças que, em sua visão, corre o amor no mundo contemporâneo. A primeira, ele denomina como a ameaça securitária, que, em vários aspectos, se parece com o antigo casamento arranjado, onde toda a potencialidade da surpresa do encontro, a possibilidade de descoberta, a aventura, a poesia do encontro amoroso são deixadas em segundo plano para se obter a “certeza” da felicidade. Uma segunda ameaça seria a negação da importância do amor, sendo este colocado em um mesmo plano dos prazeres da vida, não considerando “*qualquer experiência autêntica e profunda da alteridade com que o amor é tecido*”. De acordo com Badiou, o risco do amor não seria eliminado, mas, sim, transferido para o outro da relação, não sendo assumido pelo sujeito do amor, que não deve sofrer as consequências da relação a dois. Isso parece ocorrer em consonância com a sociedade moderna, na qual o egoísmo e o consumismo são incentivados pela indústria do prazer solitário, que tem no mundo eletrônico seu meio ideal. Haveria a necessidade de reinvenção do amor, a inclusão do risco e da aventura, características deste em um ambiente moderno.

No capítulo seguinte, 2 – *Os filósofos e o amor*, Badiou discorre de maneira polêmica sobre a relação entre sua profissão – filosofia – e esse objeto de apreciação – o amor, versando sobre como alguns filósofos enfrentam o tema, inclusive discordando das opiniões da maioria deles. Ele inclui em sua lista filósofos como: Platão, Arthur

1 Membro do Instituto da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SBP).

Schopenhauer, Sören Kierkegaard, Emmanuel Levinas e Simone de Beauvoir. Traz também ideias do psicanalista Jacques Lacan, o qual afirma que não existe relação sexual na sexualidade e que o amor é que surge no lugar desta não relação, é nele que o sujeito vai além dele mesmo, além do narcisismo. Schopenhauer seria o representante do antiamor, para o qual o amor torna possível a perpetuação da espécie humana, que não teria valor. Para Kierkegaard, seriam três os estágios da existência: o estético (a experiência do amor é a da vã sedução e da repetição); o ético (o amor é verdadeiro e experimenta sua própria seriedade); e o religioso (caso o valor absoluto do compromisso seja sancionado pelo casamento). Em Platão, a experiência amorosa é um impulso para algo que ele vai chamar de Ideia, que Badiou considera a passagem da pura singularidade do acaso para um elemento que possui valor universal.

Em *A construção amorosa*, o 3º capítulo, Badiou aborda a questão da duração do amor, tema por qual ele se interessa profundamente. Para ele, o amor não se resume ao encontro, que seria a formação do Um. O que seria uma concepção romântica do amor, onde ele é, de certa forma, abrasado, consumado e consumido nesse momento – concepção rejeitada por Badiou. Sem negar a importância do encontro, o autor define que o amor é a construção da vida entre duas pessoas, com subjetividades infinitas, com diferenças, e que irão experimentar o mundo de uma nova forma, aventureira ou contingente. A essa experiência, ele dá o nome de “*Cena do Dois*”. O amor seria uma construção duradoura, uma aventura obstinada, que não se rende aos primeiros obstáculos e divergências. Discorda da visão pessimista moralista que concebe o amor como um ornamento do desejo sexual, uma construção imaginária com vistas à reprodução da espécie. Para ele, o amor envolve o desejo – e não é só o desejo –, refere-se à totalidade do ser do outro, sendo a realização do desejo sexual, a entrega do corpo, o símbolo material dessa totalidade.

No capítulo 4 – *A verdade do amor*, a verdade proposta pelo amor é ser uma experiência totalmente surpreendente sobre o “*Ser Dois*”, vivida pelo prisma da diferença, e não uma experiência solitária. Isso seria a característica universal do amor, por isso mobiliza a todos. Essa verdade quando declarada, no “*eu te amo*”, em todas as suas variantes, fixa o acaso do encontro, dando início a uma duração, assumindo ares de destino, uma construção, uma necessidade. Daí o clima tenso e carregado que uma declaração de amor adquire, podendo ser longa, difusa, confusa, complicada, declarada e redeclarada. Um compromisso assumido, uma fidelidade, no sentido da necessidade de vencer o acaso dia após dia, inventando uma duração, uma eternidade que deve se realizar da melhor maneira no tempo da vida, sendo a felicidade amorosa a prova dessa possibilidade. O autor se opõe à ideia de que o filho é o verdadeiro destino do amor, o retorno à ordem do Um. O filho seria um ponto, em seu conceito, um momento particular na duração do amor, de reavaliação, de redeclaração, uma redefinição do Dois, um reviver a “*Cena a Dois*” com esse Um.

Badiou discorre, no capítulo 5 - *Amor e política*, que os dois elementos são procedimentos de verdade, sendo que o segundo refere-se ao coletivo. No amor, deve-se buscar saber se os sujeitos são capazes, de, a dois, assumir a diferença e torná-la criativa, sendo a família sua célula básica da propriedade e do egoísmo, responsável por socializar sua gestão. Na política, se são capazes, em grande número, de criar igualdade, tendo o Estado como responsável por sua gestão e normalização.

No 6º capítulo, cujo título é *Amor e arte*, o autor explora a correlação desses dois temas. Na análise de Badiou, os surrealistas teriam como palavra de ordem *reinventar o amor*. Que seria ao mesmo tempo um gesto artístico, existencial e político. A arte representaria, frequentemente, o caráter associal do amor, pois este não seria redutível a qualquer lei, o pensamento do amor seria contra a força de ordem da lei. Entretanto, os surrealistas só se interessaram pela força do encontro do amor e pouco se interessaram pela duração, na dimensão da eternidade. Sendo esta eternidade, na concepção de Badiou, menos milagrosa e mais laboriosa.

*“Existe um trabalho do amor, e não apenas um milagre. É preciso estar ativo, tomar cuidado, unir-se consigo mesmo e com o outro. É preciso pensar, agir, transformar. E aí sim, como recompensa do labor, vem a felicidade”.*

Em *Elogio ao amor*, Badiou fala ainda de seu amor pelo teatro, podendo ser este pensado como o momento onde pensamento e corpo são, de certo modo, indiscerníveis. Corpo e ideia se misturam, exatamente como em um “*eu te amo*”, que é dirigido não só a pessoa, mas a algo que está além e dentro dela. Tanto no teatro quanto no amor, as repetições estão sempre presentes. No primeiro, os ensaios, que fazem o pensamento ir para o corpo, e, no segundo, seria a necessidade de renovar a declaração de amor. Seria objeto do teatro a descrição da fragilidade da ponte que o amor lança entre as duas solidões dos sujeitos que se amam. E o conflito teatral mais comum à luta do amor acidental contra a lei necessária dos padrões morais vigentes seria a busca pela liberdade.

Em sua conclusão, Badiou revisita sua visão comparativa entre o amor e o acontecimento social, a política. Enquanto na política sempre haverá a proposta de uma busca de identidade, forma depressiva e reacionária, para o amor, isso seria uma ameaça. O amor afirma a necessidade da diferença, daquilo que é único e não repete, errático e estrangeiro, da dimensão associal do amor, do seu lado selvagem e violento, que se contrapõe à segurança e ao culto identitário da repetição. O autor aborda a questão da visibilidade do amor, do interesse generalizado pelas histórias de amor, o amor sempre e em tudo. Para ele, amar é para além de toda solidão, é estar às voltas com tudo o que no mundo é capaz de animar a existência.

Neste livro, Badiou nos apresenta com uma visão autêntica e controversa sobre o amor, sua correlação com a filosofia, a política e a arte. E, ainda, a maneira pela qual se apresenta na modernidade. Seu interesse por um aspecto pouco explorado do amor, a sua duração, e o uso de uma nova concepção teórica: a *“Cena do Dois”*, nos dão subsídios para também podermos revisitare repensar conceitos nas diversas áreas do conhecimento, a partir deste modelo. No caso específico da psicanálise, podemos encontrar nessa discussão feita sobre o amor um convite para podermos arejar, como ele o fez na filosofia, conceitos já tão discutidos como narcisismo, pulsão de vida e de morte, sexualidade, complexo de Édipo, princípio do prazer e da realidade, entre tantos, nos quais o amor está sempre entrelaçado.